

Entrevista: José Vicente Tavares dos Santos

Sociologia cosmopolita com sotaque latino-americano

Cosmopolitan sociology with a Latin American accent

JOSÉ VICENTE TAVARES DOS SANTOS

LUCIANE SOARES DA SILVA

ROSIMERI AQUINO DA SILVA

ALEX NICHE TEIXEIRA

RESUMO

Ele é um andarilho pelo mundo, sempre disposto a aprender coisas novas, e foi entrevistado por um trio de ex-alunos(as) que se reuniam, na década de 1990, na sala 210 do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) no *Campus* do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. José Vicente Tavares dos Santos é professor titular aposentado daquela universidade, onde continua colaborando com os programas de pós-graduação em Sociologia e em Segurança Cidadã. “Há nove (mestrados) no Brasil em segurança pública, mas o nosso é o único que tem esse nome”, orgulha-se. Nesta entrevista, em formato de bate-papo com as professoras Luciane Soares da Silva (Uenf), Rosimeri Aquino da Silva (UFRGS) e o professor Alex Niche Teixeira (UFRGS), José Vicente Tavares dos Santos fala de sua trajetória acadêmica, dos dilemas da segurança pública e de fatos históricos do presente e do passado. Sobre o futuro, tempera as angústias e incertezas com pitadas de ponderação e otimismo. Aos 14 anos, já tinha lido a literatura brasileira do século XIX. Viajou de carona até Montevideu e Buenos Aires, a Machu Picchu, La Paz, Lima e Santiago do Chile, sempre comprando livros. Como jovem estudante, foi selecionado para passar um mês e meio na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Apesar da bagagem e da aposentadoria, enxerga-se como um aprendiz: “A gente precisa buscar algo novo, se não a gente acha que já sabe sobre o tema, e isto é uma grande ilusão”. Confira a entrevista, transcrita com um mínimo de intervenções da edição e aprovada pelos participantes.

Palavras-chave: José Vicente Tavares dos Santos; Sociologia do conflito; Sociologia da violência.

ABSTRACT

He is a world traveler, always willing to learn new things, and was interviewed by three former students who met in the 1990s in room 210 of the Vale Campus of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. José Vicente Tavares dos Santos is a retired full professor at that university, where he continues to collaborate with the postgraduate programs in Sociology and Citizen Security. “There are nine (master’s) programs in public security in Brazil, but ours is the only one with this name,” he boasts. In this interview, in the form of a chat with professors Luciane Soares da Silva (Uenf), Rosimeri Aquino da Silva (UFRGS) and Alex Niche Teixeira (UFRGS), José Vicente Tavares dos Santos talks about his academic career, the dilemmas of public security and historical facts of the present and past. Regarding the future, he tempers anxieties and uncertainties with a pinch of thoughtfulness and optimism. By the age of 14, he had already read the 19th-century Brazilian literature. He hitchhiked to Montevideo and Buenos Aires, Machu Picchu, La Paz, Lima and Santiago, Chile, always buying books. As a young student, he was selected to spend a month and a half at Harvard University, in the United States. Despite his experience and retirement, he sees himself as an apprentice: “We need to seek out something new, otherwise we think we already know about the subject, and that is a great illusion.” Check out the interview, transcribed with a minimum of editing interventions and approved by the participants.

Key words: José Vicente Tavares dos Santos; Sociology of conflict; Sociology of violence.

Luciane Silva: Eu fico muito feliz por organizar este dossiê “Violências no Brasil contemporâneo” junto com a professora Vera Telles, que é minha orientadora no pós-doutorado. Pensei muito em quem seria nosso convidado. Quando eu pensei no professor José Vicente Tavares dos Santos — que é, talvez, não só um dos pioneiros da pesquisa sobre a sociologia da violência no Brasil, mas também o responsável por muitas das carreiras que estão aqui —, também considerei que não seria justo fazer isto sem chamar os meus fiéis escudeiros, que não mais se reúnem na sala 210 do *campus* do Vale, embora talvez ainda espiritualmente. Esta é uma forma de mostrar ao professor José Vicente a importância dele. Sabemos que ele quer falar de muitas coisas, nós o conhecemos e já sabemos disto. Queremos agradecer muito ao Programa de Sociologia Política da Uenf a possibilidade de realizar este dossiê. Sabemos que a temática segue tendo grande importância. O professor José Vicente acaba de publicar um livro que trata das novas configurações das conflitualidades e da Sociologia Crítica Cosmopolita. Então, estamos aqui com a professora Rosimeri Aquino e o professor Alex Niche Teixeira, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que é minha alma mater de formação, e com o professor José Vicente, este ser global que tem vários interesses — entre eles, gatos, as questões ligadas à China e conflitos urbanos. José Vicente, começo lhe agradecendo e lhe

perguntando como você fez a passagem entre uma sociologia mais rural, que foi tema de seu mestrado e doutorado, para a sociologia da violência. Em que momento ela aparece como um interesse de pesquisa para você?

José Vicente Tavares dos Santos: Muito obrigado, Luciane, por esta oportunidade! Prazer estar aqui com Rosimeri e com Alex, que têm muito para dizer. Na realidade, acho que sempre tive um interesse pelos conflitos sociais. Me lembro que, no tempo da graduação ainda, com colegas, fizemos uma pesquisa sobre greves no Rio Grande do Sul, a partir da leitura de jornais. Acho que eu tinha esta preocupação com os conflitos. Lembro que, no final da graduação, fiz um trabalho de conclusão sobre quilombos com o professor João Guilherme Souza. Tirei B, os professores diziam que eu tinha de falar da integração dos negros e menos dos conflitos; um “B” honroso. Depois, fui fazer o mestrado com o professor José de Souza Martins, na Universidade de São Paulo: a ideia era analisar os conflitos dos agricultores produtores de uva com a indústria e as cooperativas de vinho que apareciam de diferentes modos historicamente. As cooperativas tinham um corporativismo muito presente, depois foram se distanciando. Também ocorria que os donos das vinícolas iam pessoalmente, a cavalo, às casas dos colonos para garantir que eles iriam receber a venda da uva. Então havia dominação, e algo como uma busca de consenso. Naquele tempo, a gente lia Simone de Beauvoir, lia Sartre, não entendíamos muito. Líamos mais os romances desde o tempo do Julinho¹. Eu fui expulso do Julinho porque eu era secretário-geral do Grêmio aos 16 anos, e tivemos um confronto com o diretor, que expulsou o ex-presidente. Fui para uma escola municipal em Teresópolis², e a diretora disse que eu podia entrar desde que ficasse calado o ano inteiro. Fiquei (risos), o que ia fazer? Então, acho que esta dimensão do conflito me preocupava, seja na questão dos colonos do vinho, seja novamente quando estava morando em São Paulo, trabalhando. Após haver concluído o mestrado, publicado como *Colonos do Vinho (estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital)* (Hucitec, 1978), fui convidado a vir para a UFRGS, em 1978. Naquele ano, houve a expulsão de mil famílias de colonos lá do município de Nonoai. Os governos teriam dito que eles poderiam “entrar na terra dos índios, são vagabundos mesmo, não trabalham e tal”; eles foram entrando, naquela região de Nonoai, Tenente Portela. Os índios se organizaram, um pouco ajudados pela igreja, da Teologia da Libertação, e os

¹ Colégio Estadual Júlio de Castilhos, localizado em Porto Alegre, reconhecido por formação de importantes lideranças políticas e intelectuais de luta pela democracia no século XX.

² Bairro da zona sul de Porto Alegre (RS).

colonos foram expulsos. Chegaram mil famílias numa área de uma exposição agropecuária perto de Porto Alegre. Naquele tempo, o MDB começava, então alguns deputados foram conversar, fizemos eventos na própria Assembleia Legislativa, sobre a questão de ir para o Mato Grosso, não ir, porque não tinha Reforma Agrária³. Também havia uma Associação Gaúcha de Sociólogos, o professor Ivaldo Gehlen estava lá, e outras pessoas, o João Pedro Stédile (tinha recém voltado do México), era a Comissão Agrária, numa salinha no Centro de Porto Alegre. Então, novamente um conflito. Achei muito interessante, se falava muito na Amazônia, “integrar para não entregar”. No mestrado, eu tinha conhecido o professor Carlos Teixeira, que tinha vários livros sobre os seringueiros; a família dele é de Humaitá, entre Porto Velho e Manaus. Resolvi conhecer a Amazônia, fui a Humaitá, pegamos um barco: ele fazia o trabalho, eu ficava mais conhecendo os Igarapés. Fomos recepcionados com uma ceia pelas famílias, comemos macaco assado. Comecei a estudar esta questão: as famílias que foram levadas pelo governo militar até o quilômetro 700 da rodovia Cuiabá-Santarém. Fizeram um projeto chamado Terra Nova. Fui para lá: durante cinco anos, ficava um mês por lá, fiz o doutorado na Universidade de Paris Nanterre, em 1987: foi o livro *Matuchos, exclusão e luta* (Vozes, 1993), que tratava de terra e conflitos.

Ou seja, a questão da conflitualidade estava fazendo parte da minha trajetória na sociologia. O professor José de Souza Martins me indicou para substituí-lo na Comissão Pastoral da Terra (CPT): durante sete anos, dei cursos na Amazônia, no meio da Amazônia, para padres, [...], pastores, pastoras, sindicalistas, que tinham uma prática política muito rica, muito criativa, mas uma teoria que era o marxismo vulgar da época. Eu tinha passado pela França, tive aulas com Alain Touraine, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Maurice Godelier, o pós-marxismo. Até que surgiu o primeiro número da revista *Sociologias*, que o Alex coordena hoje, que se chamava *Conflitualidades*, uma palavra que eu busquei em Portugal, que a gente não usa; tem nos dicionários portugueses, mas nos dicionários brasileiros não tem; achei a palavra *Conflitualidade* muito explicativa, além da ideia de conflito, mais ampla. Nos livros que li do Maurice Godelier, o ideal e o material, ele mostrava que não há nada que não tenha uma dimensão simbólica, uma dimensão narrativa, uma dimensão ideológica, e política. Então achei que *conflitualidades* dava conta desta dimensão objetiva e subjetiva.

³ TAVARES-DOS-SANTOS, José-Vicente; LACROIX, B. M.; BELLONI, Isaura. (Orgs.). (1982). *A questão da terra*. Porto Alegre: Editora da Assembleia do RGS.

Alex Niche Teixeira: Muito obrigado pelo convite para fazer parte deste grupo seletor para conversar com professor José Vicente. Então, pegando esta ideia, este contrabando de Portugal, tu tens desenvolvido desde então reflexões sobre globalização e violência. Queria que tu falasses sobre este desafio de produzir teoria sociológica sobre violência, conflitualidades, controle social, nestes contextos globais.

José Vicente Tavares dos Santos: Bom, sempre fui um viajante. Aos 18 anos, fui de carona com um amigo, Antonio Cláudio Nunes, e amigas a Montevideu e a Buenos Aires. Era uma ditadura, mas tinham livros baratíssimos. Lá comprei um livro de um tal de “Carlos Marques”, somente traduzido 20 anos depois no Brasil; de Max Weber, que levou 50 anos para ser traduzido aqui e na França, e outros. Depois, aos 20 anos, com o mesmo grupo, nós fomos de carona de Porto Alegre a Machu Picchu, andando de ônibus, caminhão, trem. Passamos por Córdoba, Machu Picchu, La Paz, Lima, Santiago do Chile. Vimos o presidente Salvador Allende na rua; conversamos com brasileiros que estavam lá, inclusive o professor Ernani Maria Fiori⁴, da UFRGS, que tinha sido cassado. Então, de repente, achei que o mundo era um pouco maior do que o Brasil, Porto Alegre. Depois teve aquele programa chamado AUI (Associação Universitária Interamericana), sobre o qual o Marcelo Ridenti escreveu um livro chamado *O segredo das senhoras americanas*⁵. Era um programa que levou 800 jovens estudantes para os Estados Unidos, para Harvard, e ficavam um mês e meio. Depois, fui encontrando este pessoal pelo mundo: uns foram para a política, uns ficaram mais ricos, uns para universidade. Então, quando você vai a Macchu Picchu, Santiago do Chile, Harvard aos 20 anos, a tua cabeça não volta nunca para o lugar. Em 1974, fui à Europa, comprando livros. Então acho que esta dimensão mundial pode ser um pouco da família, minhas errâncias pelo mundo. Eu já fui a 56 países.

Luciane Silva: Caramba, que marca, hein! É uma bela marca, realmente. Quando você olha hoje a juventude, a gente às vezes parece que retorna à página infeliz da nossa história... ainda tem lugar para utopia, para pensar este momento no qual as ciências humanas voltam a ser um tema tão central para a democracia nacional? Enfim, eu sempre penso muito no Florestan Fernandes e na geração que foi aposentada durante o golpe — me parece que teríamos outras ciências sociais no Brasil. Minha alegria de ter sido sua aluna

⁴ Filósofo, professor da UFRGS, nasceu em 1914 e faleceu em 1985. Cf. Ernani Maria Fiori - metafísica e história: textos escolhidos. Porto Alegre: UFRGS, 2014, volume I e II (Otilia Beatriz Fiori Arantes, Org.).

⁵ RIDENTI, Marcelo. (2022). *O segredo das senhoras americanas* (intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural). São Paulo: Unesp.

é porque de alguma forma você sempre parecia ter um certo respiro, um oxigênio para o lugar das diferenças, mas também das utopias. Quando a gente falar de literatura, vai ser um tema sobre o qual poderemos conversar contigo. Mas parece que esta palavra saiu do nosso dicionário, parece que somos lunáticos quando falamos de transformação social. O que achas?

José Vicente Tavares dos Santos: Na UFRGS, eu tive grandes professores: o professor Leônidas Xausa, cassado⁶; a professora Helga Picollo, da História; e o professor João Guilherme Souza⁷— fui até monitor dele. Além de ensinar os clássicos, nós liamos *Ideologia e Utopia*, do Mannheim; a dimensão holística da sociologia sempre esteve presente. E depois, em 1968, o grande André Foster, deputado pelo MDB jovem, trouxe Fernando Henrique Cardoso para falar na Assembleia, Otávio Ianni, José de Souza Martins, Gabriel Cohn e Heleieth Saffioti. Ela lançou o livro dela aqui, *A mulher na sociedade de classes*⁸, em um curso da Sociedade Gaúcha de Sociólogos, na OAB em frente à Santa Casa. Então, esta sociologia da USP tinha esta dimensão da utopia. Não por acaso, o Otávio Ianni (realmente o brasileiro que conhece profundamente a cultura e a sociologia da América Latina) sempre dizia que nós temos de pensar no futuro, que a sociologia tem de imaginar o futuro. O professor João Guilherme nos mandava ler Wright Mills, *A Imaginação Sociológica*⁹. Acho que esta dimensão está muito presente na sociologia latino-americana.

Depois, em 1998, com o professor César Barreira, fomos ao Congresso da Alas (Associação Latino-Americana de Sociologia), em Concepción, Chile; entrei na diretoria da Alas. Há duas semanas, estava na República Dominicana, no 24º Congresso da Alas; ainda estão vivos 12 ex-presidentes.

Em relação aos jovens, eles têm uma oportunidade que a minha geração não teve. Para montar a minha bibliografia de Colonos do Vinho, levei seis meses em bibliotecas, aqueles fichários. Hoje um jovem faz isto em duas tardes. Estes jovens têm acesso ao mundo, têm

⁶ Cf. TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; AVERBUCK, Ligia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto; TAITELBAUM, Aron. (2008) [1979]. Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. Porto Alegre, ADUFRGS / P&PM Editores, 2. Ed.

⁷ Cf. SBS Memórias da Sociologia Brasileira, <https://sbsociologia.com.br/project/joao-guilherme-correa-de-souza/>

⁸ SAFFIOTI, Heleieth. (2013). *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Expressão Popular.

⁹ WRIGHT MILLS, C. (1965). *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

informações que nós não tínhamos. Esta juventude tem maiores possibilidades que a minha geração. Lógico, talvez haja um acúmulo de informações, que pode levar, às vezes, a uma espécie de estilhaçamento. O mundo dentro da nossa casa, isto não havia. Tinha que viajar, hoje não, vocês têm o mundo dentro da sua casa. A dificuldade é como interpretar este mundo que aparece tão picotado às vezes nos nossos olhos, nas nossas mentes. A tarefa seria compor, a partir dos pedaços em estilhaços, um mosaico de imaginação sociológica!

Rosimeri Aquino da Silva: Dando continuidade a esta questão, mas deixando claro para todos, todas e todes nós, sobre a minha alegria, sobre essa honra, esta felicidade cujas palavras nunca são ditas de forma suficiente para expressar este momento com vocês. Eu tenho a impressão muito forte de que nunca estivemos separados: estes territórios, Rio de Janeiro, *Campus* do Vale, Faculdade de Educação. Olhando para vocês, eu sinto, percebo, compreendo que ainda estamos aqui e estamos todos juntos. E te pergunto, Zé: eu trabalho com formação de professores, em especial professores que vão atuar no ensino médio. Olhando para estas novas gerações, que livros e autores devem formar a biblioteca essencial de um sociólogo, professor de ciências sociais? Que autores permanecem clássicos para formação desta atual geração?

José Vicente Tavares dos Santos: Eu tenho feito uma pergunta, em algumas tertúlias, quais são os dez livros que marcaram a pessoa, marcaram pelo coração. Eu acho que é uma pergunta muito interessante. Óbvio: há diferenças, mas claramente acho que a leitura dos clássicos é fundamental. Tem que ler, ir lá, não ler apenas os comentadores, os manuais; ler diretamente, é sempre rejuvenescedor. Por outro lado, aqui no Sul a gente tem a vantagem de estar mais próximo da América Hispano-Americana. O espanhol para nós é uma segunda língua; a partir de São Paulo ele é tão estranho quanto o chinês. Então, nós temos um conhecimento de autores hispano-americanos que outras pessoas não têm: Juan Pegoraro, nosso grande amigo que vinha aqui tantas vezes, da revista *Delito e Sociedade*, com seu último livro, *Delito econômico*¹⁰; Anibal Quijano¹¹ veio várias vezes a Porto Alegre — a professora Susana Soares da UFRGS organizou seminários latino-americanos financiados pelo Clacso. Por conta das ditaduras, não podiam ir à Argentina, Uruguai, então vinham

¹⁰ PEGORARO, Juan. (2015). *Los Lazos Sociales del Delito Económico y el Orden Social*. Buenos Aires, EUDEBA.

¹¹ QUIJANO, Anibal. (2014). *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad / descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO.

aqui; às vezes tinham 40 grandes sociólogos latino-americanos. Susana Soares organizou um sobre intelectuais¹², a professora Sônia Laranjeira organizou um sobre trabalho¹³, eu organizei um sobre conflitos agrários: as revoluções camponesas¹⁴. Essa presença eu senti ao chegar em São Paulo: citava os autores e nunca tinha me preocupado em traduzir do espanhol, as pessoas perguntavam se eu era latino-americano. Isto dá uma vantagem, ser da fronteira, o bilinguismo. Quantos estudantes já recebemos aqui! — a professora Nília Viscardi, do Uruguai¹⁵; Alberto Riella, da Argentina; estudantes do Chile; Anibal Quijano; Jaime Preciado, do México¹⁶; Raquel Souza, do México. Acho que são contribuições importantes ao pensamento crítico, muitas vezes esquecidas em outras regiões do Brasil. Obviamente os contemporâneos: Alain Touraine, que conheceu muito a América Latina, publicou um livro chamado *A palavra e o sangue*¹⁷, inclusive foi casado com uma professora chilena. Depois Michel Foucault, que veio seis vezes ao Brasil, têm fotos dele em uma praia de Belém do Pará. Acho que muitos brasileiros estudaram com Pierre Bourdieu e alguns mais recentes com Axel Honneth, mais chegado a uma sociologia da conflitualidade do que outros alemães. Bem, Heleieth Saffioti é fundamental, ela trouxe Simone de Beauvoir para a sociologia brasileira, era pouco conhecida. Às vezes sofremos deste viralatismo, às vezes a gente valoriza só os estrangeiros e não valoriza nem brasileiros, nem hispano-americanos. Quando a gente fala ultimamente de uma sociologia cosmopolita, é para mostrar que todos nós participamos deste grande barco da imaginação sociológica. Com o professor Alex andamos por alguns lugares do mundo, e a gente percebe o reconhecimento da qualidade

¹² SOARES, Maria Susana Arrosa. (1985). *Os Intelectuais nos Processos Políticos da América Latina*. Porto Alegre: UFRGS.

¹³ LARANJEIRA (Guimarães), Sonia (Org.). (1990). *Classes e Movimentos Sociais na América Latina*. São Paulo: Hucitec.

¹⁴ TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente (Editor). (1985). *As Revoluções Camponesas na América Latina*. São Paulo: Unicamp / Icone, 286 p.

¹⁵ VISCARDI ETCHART, Nília; TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; OLIVEIRA, Lívio Silva de; CHINAS SALAZAR, Dolores del Carmen. (2022). *La difícil democracia: violencia social, militarización de las políticas de seguridad y luchas por los derechos humanos*. Buenos Aires: CLACSO.

¹⁶ TORRES GUILLÉN, Jaime Torres y PRECIADO, Jaime Preciado. (2024). *Pablo González Casanova (1922-2023): Una introducción a su obra*. Zapopan, Jalisco: Universidad de Guadalajara: Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades / Calas.

¹⁷ TOURAINE, Alain. (1989). *Palavra e Sangue: Política e Sociedade na América Latina*. Campinas: Unicamp.

da sociologia brasileira. Eu vou à ISA (*International Sociological Association*) desde 1998. Mais de cem sociólogos e sociólogas brasileiros sempre estão presentes, de qualidade internacional, não há nenhuma diferença. Acho que é preciso ler o mundo, mas sem esquecer de ler aqueles que estão ao lado.

Alex Niche Teixeira: Estou pensando aqui: quando tu falas neste vai e vem, nesta necessidade de a gente ter um olho lá, mas estar com um pé aqui, comentaste o fato de termos tido a oportunidade de viajar juntos, inclusive para além das fronteiras do Ocidente. Mas pensando na tradição ocidental, neste momento de crise e de mudança social, a gente pode afirmar que a modernidade que nos brinda com suas promessas, como diria Foucault, também apresentou algumas sombras no século XX. Quer dizer, as promessas que tu falaste da Saffioti, trazer Beauvoir, a questão do feminismo, todas as provocações necessárias para a mudança social que o século XX nos trouxe, elas também não foram frustradas (ou estão sendo) pela intensificação das formas de controle social, desigualdade, permanência do racismo, misoginia, xenofobia? No caso da gente que trabalha com controle social, policiamento, a guerra aos pobres, tem uma promessa de emancipação frustrada, não? Como é que tu vê isto?

José Vicente Tavares dos Santos: Em 1990, eu era coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, a gente estava montando o doutorado em sociologia. A Prefeitura tinha um secretário, eles resolveram fazer um evento, fizeram conosco na UFRGS. Isto gerou um livrinho chamado *A experiência do século*. Eles trouxeram Saramago, Arnaldo Jabor (muito engraçado), trouxeram Fukuyama — aquele do fim da história. Na realidade, Hobsbawm vai dizer que o século XX terminou em 1991 com o final da União Soviética. Nós estávamos aqui discutindo o século que estava terminando, embora não soubéssemos que estava terminando. Mas todos aqueles autores que nós líamos — o Bauman, os outros, gosto muito dos ingleses, a modernidade tardia, também os de Frankfurt falavam muito sobre isto — traziam a ideia de que algo mudara. E tudo que nós lemos hoje — seja o Ulrich Beck, o Bauman, seja o Zizek a seu modo e tantos outros — é que estamos assistindo a um novo mundo social que tem a fragmentação, tem as diferentes clivagens e claramente é um mundo pós-iluminista. Vivemos uma crise das utopias, uma crise das esperanças com idas e vindas. Se tomarmos os anos 2000, o Fórum Social Mundial, Porto Alegre, Belém do Pará, Marrocos, depois na Índia... de repente, quando tudo parecia perdido, você tem um Fórum que coloca o tema: “outro mundo é possível”. Isto é muito interessante: a história é dialética, você tem idas e vindas (grande Marx)! Você

tem marchas e contramarchas, conflitos, contradições, tensões. Quando pensaríamos que teríamos um Fórum em Belém, estavam Lula, Evo Morales, Rafael Correa, Kirchner? Se olharmos hoje o mapa social da América Latina, metade tem governos social-democratas, mais progressistas, embora haja um neoliberalismo conservador muito forte. Isto estava latente, mas agora é muito claro; talvez uma das tarefas das novas gerações é tentar entender melhor o que é este neoconservadorismo. Porque uma ministra dizia que homem não podia usar camisas cor-de-rosa: eu as guardei durante quatro anos. Há a discussão sobre o aborto, liberdade de orientação sexual, a questão do machismo despedaçado, a questão do armamentismo muito forte, de uma polícia violenta, de um racismo.

Esteve aqui o escritor Paulo Scott que falava muito nisso, escreveu um livro sobre isto aqui em Porto Alegre¹⁸. Então você tem novos conflitos sociais muito fortes, mas por outro lado há lutas sociais e movimentos sociais muito interessantes. Lembro que fui à ECO 92, lá no Rio, quando começava a questão ecológica, hoje na ordem do dia. Mas há outras questões, como a miséria e a desigualdade, que continuam. Embora tenha havido uma pequena redução de miséria e pobreza no Brasil, na Argentina isto aumentou. Em outros países, fenômenos que não existiam: a população de rua; nos anos de 1990 eu ia muito a Londres e Paris, comecei a ver o inglês de olho azul na rua; antes eram os ciganos. Hoje você vai a São Paulo e Rio, cidades de lona; bairros em Tóquio, em Los Angeles em Nova York, a população de rua está lá, inclusive as famílias. Acho que é uma tensão entre tradição, inovação, entre conservadorismo e mudança social. O direito à diferença, que a Rosimeri¹⁹, também estuda, acho que há uma tensão.

Luciane Silva: Eu tenho muito orgulho de nossa experiência no governo Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul. Acho que ali nós fizemos história no sentido que junta um pouco a minha questão anterior sobre utopia. Lembro que, em 1994, Paulo Sérgio Pinheiro e Sérgio Adorno aqui vieram, foi o meu começo. Meu primeiro trabalho com você em iniciação científica foi sobre a Brigada Militar na Vila Esperança. Eu e Alex sempre fomos os artistas da sala 210 — lembro que tirei fotos, comprei uma máquina russa. Depois vivemos esta experiência que me marcou profundamente, que foi trabalhar com o secretário José Paulo Bisol pelos quatro anos. Rosimeri Aquino fez a tese de doutorado sobre “quando os

¹⁸ SCOTT, Paulo. (2019). Marrom e Amarelo. Rio de Janeiro: Alfaguara.

¹⁹ FACHINETTO, R. F.; SILVA, Rosimeri A.; SEFFNER, F. (Orgs.). (2022). O gênero da violência: contribuições analíticas em contextos contemporâneos. Porto Alegre: Cirkula.

diferentes entram em cena”²⁰. Fomos ali muito longe, irradiamos algo que fez com que Porto Alegre fosse a sede de vários Congressos sobre meio ambiente, direitos humanos — um dos primeiros, com Helena Bonumá, em 1998. Era como se naquela época eu não soubesse por onde estávamos indo. Hoje, muitos anos depois, quando se olha o que foi feito, pergunto (antes de iniciarmos a entrevista, tivemos a notícia de um policial militar que atira um civil de uma ponte) sobre este lugar atual da polícia no Brasil, para nós no Sul, a Brigada Militar. Nós acreditamos neste diálogo, tentamos fazer este diálogo. Como você vê hoje a possibilidade deste diálogo com as polícias no Brasil?

José Vicente Tavares dos Santos: Bom, o professor Alex estava presente: sábado passado tinham 40 policiais aqui no meu prédio comemorando o Mestrado em Segurança Cidadã (há nove no Brasil em segurança pública, o nosso é o único que tem este nome). As universidades foram convidadas por polícias — em sua maioria, militares — em todo o Brasil. Chegamos a organizar no governo Lula, pela Renaesp (Rede Nacional de Altos Estudos em Segurança Pública), cursos de especialização em 60 Universidades, formamos 10 mil policiais, com um currículo no qual todos nós trabalhamos. Esta experiência, que continua, de termos uma relação muito forte e muito respeitosa entre organizações policiais e as universidades (públicas na maioria dos casos), só existe nos Estados Unidos, no Brasil e na China. Há uma ou outra experiência na Argentina, quiçá no Chile, no México há dois cursos também, nas universidades, de segurança cidadã. São experiências interessantes para o futuro. Se nós olharmos o panorama das polícias, com todas as questões, membros de polícia que cometem atrocidades estão sendo denunciados! Há um grupo de policiais antifascistas, vão em aula com a camiseta. É uma tensão constitutiva da sociedade contemporânea que temos de enfrentar: não existe sociedade democrática sem uma polícia cidadã. É tarefa para o futuro. Estes dias, em nosso curso, veio falar o chefe da Polícia Civil do Rio Grande do Sul: um senhor negro, que fez uma tese sobre Hobbes em filosofia, fez uma tese de doutorado sobre seletividade penal e racial, e falou exatamente sobre isto, sobre seletividade penal. Falou sobre a lei de cotas nas polícias, em vários órgãos. Amanhã deve ter um concurso com cotas para homossexuais na Brigada Militar, é um processo. O

²⁰ SILVA, Rosimeri Aquino da. (2010). Quando os impensáveis entraram em cena: um estudo sobre polícia, educação, direitos humanos e homossexuais. Porto Alegre: Corag.

mundo está se transformando, quiçá não na velocidade e na direção que a minha geração teria gostado, mas “*eppur si muove*”²¹.

Rosimeri Aquino da Silva: Sem dúvida, ainda é marcante esta experiência de trabalho junto às polícias. Gostaria de te ouvir sobre o Estado. Partindo de uma compreensão de que se olharmos o Brasil de 2024, temos notícias de territórios dominados por milícia, PCC e outras formas de poder paralelo. Assim, *grosso modo*, ainda poderíamos falar em Estado de direito? Ainda estamos em uma democracia que possibilita pelo voto o acesso à cidadania nos termos que nós conhecemos e pela qual nós lutamos?

José Vicente Tavares dos Santos: Saíram dados do IBGE que mostram a diminuição da pobreza, da extrema pobreza, aumentou a escolaridade das pessoas — o Brasil tem 23 milhões de pessoas com curso superior, a lei de cotas mudou o perfil das universidades e do serviço público também, até o Itamaraty tem lei de cotas. Quando comecei a dar aula, em 1978, os únicos negros que tinham em sala de aula eram os alunos do continente africano (em 1975 o governo brasileiro fez um acordo com os dez países de língua portuguesa). Eu tive bolsistas negras, algumas aqui nesta sala, e nós recebíamos cartas de ameaça. Vocês se lembram disto? Anos (19)90. A questão das organizações criminosas, uma novidade, claramente disputam poderes. Tanto no México, Brasil, Colômbia e outros países, há uma penetração do crime organizado em setores do Estado. Estes dias, até uns desembargadores foram presos, no Mato Grosso, porque vendiam sentenças. É uma ameaça ao Estado de Direito, tens toda razão. Mas há outros processos; às vezes a gente olha as questões das organizações criminosas achando que todo o Brasil é um Rio de Janeiro. Mas não é, realmente não é. E esta nova geração, Gabriel Feltran e outros — aqui a pesquisadora, Marcelli Cipriani²² —, eles mostraram que são fraternias, irmandades, como escreve o Gabriel Feltran²³. Na ausência do Estado, no abandono das famílias dos presos, são estas irmandades que dão o dinheiro para que as pessoas visitem seus familiares, dinheiro para levar alimentos. Então você tem uma disputa por socialidades, mas acho que o Estado democrático de direito está aí, nós tivemos eleições, há um aumento da inclusão social, um aumento da participação social. Porto Alegre, nas últimas eleições, teve 30% de

²¹ Frase que Galileu Galilei teria dito no Tribunal da Inquisição (em tradução livre: “no entanto, se move”) ao renegar a teoria heliocêntrica.

²² CIPRIANI, Marcelli. (2021). Os coletivos criminais de Porto Alegre: entre a “paz” na prisão e a guerra na rua. São Paulo: Hucitec.

²³ FELTRAN, Gabriel. (2018). Irmãos: uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras.

abstenção: há uma crise aí, parece que em outras cidades brasileiras também. Mas todas as crises têm vários lados. Eu não sou agonístico, sou esperançoso.

Luciane Silva: O Michel Misse, alguns anos atrás, falou do Rio como espelho narcísico do Brasil²⁴. Aqui no Sudeste tenho me colocado nesta posição de observação. Acho interessante a obra toda do Michel, mas resgatando um pouco o trabalho do José Padilha, os efeitos do filme *Tropa de elite*, eu me alegro com sua observação sobre as diferenças no país e como elas devem ser consideradas nos estudos de sociologia da violência. Às vezes até o lugar de produção sociológica pode acabar eclipsando as formas de divulgação científica. Este dossiê tenta contemplar estas diferenças, pensando, por exemplo, o combate em fronteiras, como o uso de barcos em Belém e outras regiões. São outros desafios. Te agradeço por lembrar isto. O Brasil não é o Sudeste. Não digo isto para desmerecer a produção — estou no Sudeste —, mas como um desafio a se pensar a diferença, e ainda assim todos nós vivendo o ataque ao Estado Democrático de Direito. Sabemos dos estudos sobre o Nordeste; semanas atrás ouvíamos a entrevista do César Barreira²⁵. Temos os trabalhos do Luiz Fábio Paiva²⁶, acho que estas considerações são importantes.

Alex Niche Teixeira: Bem pontuado, e que bom que tu estás no Sudeste vindo desta formação da ponta do país, pois possibilita esta capacidade de olhar criticamente este processo de tentativa de análise e compreensão, de onde estávamos e para onde vamos. Um pouco desta conversar que o José Vicente trouxe no início, o viajante, acho que esta marca nos atravessa como uma espécie de elemento formador. E como ele é muito inquieto, eu quero mudar (não mudando) o rumo da conversa: saber da sociologia do romance. Quero te perguntar em que medida as ciências sociais dialogam com a literatura e a literatura policial: sei que ela tem te envolvido bastante, e por último tendo cunhado esta noção de romance da violência. Como esta produção fala do período contemporâneo? O que estes mundos que tu tens tentado aproximar podem nos falar de cidade, história, enfim?

José Vicente Tavares dos Santos: Antes disto eu gostaria de fazer um adendo a partir do comentário da Luciane. Nos anos de 1990, o grande modelo para as polícias no Brasil e no

²⁴ MISSE, Michel. (2023). *Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lamparina.

²⁵ BARREIRA, César. (2008). *Cotidiano despedaçado: cenas de uma violência difusa*. Campinas, Pontes.

²⁶ BARREIRA, César; PAIVA, Luiz Fábio Pinto; RUSSO, Maurício. (2016). *Violência, territorialidades e negociações*. Campinas: Pontes.

mundo era o modelo da polícia de Nova York de tolerância zero. Hoje os grandes modelos são os acordos de paz de Medellín e Bogotá. Inclusive em Porto Alegre temos um projeto, RS Seguro. O Inácio Cano analisou o Programa de Prevenção à Violência na América Latina, eu e Maurício Russo estudamos 15 projetos no Brasil, e há uma enorme efervescência em termos de programas sociais de prevenção à violência e de redução da criminalidade. Inclusive acordos de paz com organizações criminosas, como se diz ser o caso em São Paulo: a imprensa comentou que a redução de homicídios em São Paulo também foi resultado de um acordo com o PCC em algum momento. O que isto significa? Se há projetos na América Latina, significa que a sociedade está indo contra a violência, a sociedade está querendo reduzir a criminalidade violenta através de diferentes acordos de paz. Acho que este é o grande tema daqui para a frente.

Bom, em relação ao romance, eu nasci dentro de uma biblioteca. Meu pai era advogado, minha mãe lia biografias do Napoleão, as irmãs estudavam na Sorbonne, um irmão lia Dickens. Antes de eu aprender a escrever e ler, eu escutava essas histórias. Eu fui sempre leitor, sempre fui um frequentador de livrarias, muito mais do que de bibliotecas. Aos 14 anos, eu tinha lido a literatura brasileira do século XIX. Depois, na Aliança Francesa, li literatura francesa e, ao começar a caminhar pela América Latina, o realismo mágico. E obviamente um grande texto que é a teoria do romance de Lukács (1916); o jovem Lukács havia escrito *História e consciência de classe* (1923)²⁷. Ele vai escrever que basicamente a sociedade realiza uma reflexão através do romance. Depois, todos lemos Lucien Goldman, *A Sociologia do romance*²⁸. Na sociologia brasileira o grande personagem foi Antônio Cândido da década de (19)50, mas também Florestan. Octávio Ianni tem um livro de 1993, *O labirinto latino-americano*, uma maravilha, no qual analisa os 11 romances sobre os ditadores²⁹. Eu achei que fosse interessante porque a gente precisa buscar algo novo, se não a gente acha que já sabe sobre o tema, e isto é uma grande ilusão. Algo que não sabemos nos obriga a estudar. Sobre a sociologia do romance, como eu estudava violência comecei pelo romance policial. E aí há um grande livro de Ernest Mandel, um economista belga, (que) escreveu seis ou sete livros sobre o capital; escreveu, em 1984, um livro chamado *Delícias do*

²⁷ LUKÁCS, Georg. (2009). A teoria do romance. São Paulo: Editora 34; LUKÁCS, Georg. (2018). História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes.

²⁸ GOLDMANN, Lucien. [1964] (1990). A Sociologia do Romance. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

²⁹ IANNI, Octavio. O labirinto latino-americano. Petrópolis, Vozes, 1993.

crime, que é uma história materialista dialética do romance policial³⁰. Ele leu tudo, de Edgar Allan Poe a Léo Malet nos anos (19)80. Depois li Boltanski, que esteve aqui no Congresso de Sociologia em Florianópolis, um livro chamado *Enigmas e complôs*³¹: escreve que no final do século XIX havia uma questão epistemológica — o que era o real, o que era o irreal, o que era o real do irreal; teria havido três respostas: a sociologia, a psicanálise (a teoria do inconsciente) e o romance policial. Em 1975, Rubem Fonseca publica *O cobrador e Feliz ano novo*, que era uma violência crua e dura, não havia narcotráfico na época. Havia uma violência que depois César Barreira, eu e outros chamamos de uma violência difusa³². Vinte anos antes de nós estava lá Rubem Fonseca, conhecido como delegado de polícia, escrevendo sobre isto, como muitos outros. Muitas vezes, como também o Ianni chamava o romance dos ditadores, chegamos a 12. O último é do Vargas Llosa, *A festa do bode*, sobre o Trujillo da República Dominicana; o primeiro foi de 1949, de Miguel Angel Asturias; eles chegaram muito antes da sociologia.

Ou, se chega depois, chega melhor. Esta microfísica da violência, esta violência cotidiana, esta subjetivação do ato violento, esta discussão sobre violência doméstica, sobre feminicídio, o romance muitas vezes consegue perceber melhor as motivações, o contexto, as situações. A sociologia muitas vezes é muito pudica, às vezes muito objetivista, às vezes ela tem dificuldade de conhecer os meandros da alma, os desejos, as patologias, como diz o Honneth, as patologias sociais, ou o Sigmund Freud com o conceito de pulsões de morte, sua tópica dos anos 1920. Enfim, há uma complementaridade entre literatura e sociologia³³

Luciane Silva: Lembrei de uma obra pouco conhecida, e muito importante: *Sobre o suicídio*, de Karl Marx, a partir do policial Peuchet falando do suicídio, em uma perspectiva tão

³⁰ MANDEL, Ernest. (1988). *Delícias do Crime: história social do romance policial*. São Paulo, Busca Vida.

³¹ BOLTANSKI, Luc. (2012). *Énigmes et Complots: une enquête à propos d'enquêtes*. Paris, Gallimard.

³² TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; BARREIRA, César (Editores). (2014). *Paradoxos da Segurança Cidadã*. Porto Alegre, Tomo. TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente & TEIXEIRA, Alex N. (Editores). (2012). *Conflitos Sociais e Perspectivas da Paz*. Porto Alegre: Tomo. TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; TEIXEIRA, Alex Niche; RUSSO, Maurício (Orgs.). (2011). *Violência e Cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais*. Porto Alegre: UFRGS, <http://books.scielo.org/id/yccrp>

³³ TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. (2022). **Figuraciones de la violencia** (sociología de novelas latinoamericanas). Buenos Aires: Teseo. TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. (2020). **O Romance da Violência: sociologia das metamorfoses do romance policial**. Porto Alegre: Tomo.

oposta à de Durkheim, mas igualmente interessante; sobre moças que estavam noivas na França e achando que o casamento estava certo, se entregavam ao noivo antes do casamento e depois por uma tragédia acabavam se atirando no Rio Sena. Ao mesmo tempo, o Rubem Fonseca, como Nelson Rodrigues, dominou todos os meus desejos como moradora da Tijuca. Eu queria muito entrar na Cicciolina em Copacabana para pensar como o personagem do Rubem, o Mandrake. O Rubem Fonseca dominou todo um verão da minha vida, que foi um verão trágico, e ocupar este verão com a literatura tem a ver com esta sua capacidade de inspirar seus alunos a fazerem coisas que eles não deveriam fazer. Fico feliz, como lembravam os professores de minha banca, “que bom, você fez o campo na favela e está aqui defendendo a tese”. E agora no pós-doutorado, voltar à Rocinha, dialogando com Vera Telles, sobre as mulheres, a partir dos trabalhos de Veena Das na Índia; e sobre a questão da arte, a nossa recepção a Barbara Freitag, na UFRGS, e de como ela demarca a antecipação da arte sobre algo que a sociologia verifica posteriormente. Muito interessante pensar nesta relação entre literatura, cinema, música e arte de uma forma geral. Todas as formas: a fotografia, eu me lembro muito disto porque a dissertação da Rosimeri tinha fotos. Na tese ela foi mais formal, mas na dissertação tinham fotos de tênis, fotos do Julinho, experimentalismos, que a academia vai tirando. O Alex teve banda, não sei se ainda tem. Bom que nos lembre da necessidade de arte, porque esta semana recuperamos aqui Orfeu do Vinícius. É onírico, mas também trata das questões do Rio de Janeiro. Machado da Silva deu uma disciplina na qual trabalhávamos apenas livros sobre favela. Trabalhamos *Cabeça de porco*, *Cidade de Deus*, foi um semestre para esta temática.

Rosimeri Aquino da Silva: Aprendemos com o professor José Vicente e alguns filósofos que sem a arte a vida seria um engano, e provavelmente as ciências sociais também. Eu falo a partir da experiência de ter estudado literatura policial com o professor José Vicente e a partir daí ter me arriscado a fazer alguns estudos, alguns artigos por esta vertente. É incrível: a linguagem da arte, de literatura, ela entra por outros poros, talvez ela comunique de forma muito mais imediata, eficaz, os temas que temos que trabalhar. Principalmente em sala de aula, junto aos professores que têm que trabalhar com o ensino médio, o ensino de ciências sociais. Lembro de uma disciplina que uma aluna de Letras nos desafiou a todos para leitura do *Diário da fome*, de Carolina Maria de Jesus. O uso de tabelas, de dados nem sempre consegue tocar de forma mais subjetiva questões sobre esta temática. Ela fez oficinas a partir do livro. Lembro um outro livro de ficção: *A parábola do semeador*, de Octávia Butler, escritora negra que influenciou definitivamente a ficção. E o novo sempre

vem, e vem nos acoessando. Já me vi acusada de colonialismo pelas leituras que carregamos, as nossas bibliografias. Fui desafiada a entender mais sobre feminismo negro, sobre as questões LGBTQIAPN+. Gostaria de te ouvir sobre este estado de cercamento das ciências sociais a partir destes desafios trazidos pelos novos.

José Vicente Tavares dos Santos: Acho que é uma dificuldade das ciências sociais de entender além das estatísticas. Alex e eu fizemos uma proposta para ANPOCS para um curso sobre NVivo, aquele software muito interessante que anda por aí³⁴. A ANPOCS só aceitou se tivesse antes uma palestra sobre SPSS e nos deram horário “nobre”: do meio-dia à uma. E estou falando de 1998! Toda dificuldade de encontrar acolhida destas narrativas. Que, na verdade, se você lê sociologia, um rapaz chamado Carlos Marx disse “eu aprendi sobre dinheiro com Shakespeare, eu aprendi sobre as condições da classe trabalhadora com Balzac”. E vários outros. O professor Hélgio Trindade fez um livro de 1.700 páginas, pelo Clacso, falando dos autores latino-americanos³⁵: Florestan Fernandes, Agustin Cueva, considerado um dos marxistas mais refinados, ele tem um estudo de 100 páginas sobre Garcia Márquez. Então estas narrativas são muito interessantes. O bom sociólogo precisa saber estatística, saber análise de correspondência, é preciso fazer análise multivariada. Tudo isto é possível. Porém, dependendo do teu objeto, vai caber complementaridade, aquilo que um dia chamamos de metodologias informacionais. Por quê? Porque ela supera a oposição qualitativo x quantitativo. Agora, no grupo que fizemos na Alas, o professor César Barreira apresentou um estudo sobre os sicários na literatura de cordel, uma outra professora apresentou um trabalho superinteressante sobre “comics”, com uma personagem, uma espécie de supermulher porto-riquenha rebelde. Vamos lançar um livro que será em conjunto, será um comic sociologics, em junho, na Colômbia, a ser publicado pela Universidad de Toluca e por Tomo.

Alex Niche Teixeira: Muito bem, fiquei curioso agora. Já que fui citado, vou me permitir agradecer muitíssimo a oportunidade proporcionada pela Luciane de nos reunirmos apesar das distâncias físicas. Muitas vezes fazemos isto informalmente, mas poder fazer estes registros... estas histórias são muito boas, especialmente por estar aqui com meu orientador,

³⁴ TEIXEIRA, Alex Niche. (2025). *Análise Qualitativa com o programa NVIVO 15: Fundamentos*. Porto Alegre: UFRGS.

³⁵ TRINDADE, Hélgio. (2021). *Un largo viaje por América Latina: invención, reproducción y fundadores de las ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO.

meu amigo, fazendo estas retrospectivas e estas perspectivas. A gente fica sempre muito esperançoso porque trazemos as questões, os problemas, o mundo está acabando, e José Vicente diz “mas temos a luta, mas é uma disputa, mas é uma tensão...”. E a gente está disputando e por estar disputando não está vendo que ela está acontecendo. Então muitíssimo obrigado por dividirmos este momento e obrigado, Zé Vicente, por mais esta aula!

Rosimeri Aquino da Silva: Eu lembro também, Alex, quando estávamos cheios de euforia, cheios de projetos, estamos estudando gênero na Academia Militar, temos financiamento para qualificação, atualização, temos isto, aquele pique, os caminhos todos se abrindo, lembro do professor José Vicente a nos alertar: “não esqueçam que sempre há a reação!” Nós precisamos sempre deste preparo. Foi muito bom, me sinto renovada, pronta para continuar, mais mil anos para as ciências sociais. Obrigada Luciane! Às vezes as coisas combinadas rapidinho dão tão certo.... às vezes passamos meses, anos projetando algo, e nada acontece.

Luciane Silva: Talvez não tenha sido tão rápido. Talvez este sentimento seja comum. O fato de eu não estar no Rio Grande do Sul não significa que não foi doído acompanhar a tragédia das enchentes no sul. Certamente eu não seria quem eu sou se eu não tivesse encontrado vocês, e nós não seríamos quem somos se não tivéssemos encontrado o José Vicente. Lembro que, na SBS de 1999, ele havia me dado a ordem de levar Octávio Ianni para o hotel assim que ele chegasse. Era o único convidado que deveria ter este tratamento. E de todas as pessoas que chegaram no aeroporto naquela manhã, ele foi a mais gentil. E pensei seriamente em me tornar socióloga. Além disto, se ampliou em muito o tamanho do Congresso naquele ano. Logo depois, naqueles anos, o Fórum Social Mundial, recebemos Bernard Cassen, Hebe Bonafini e tantos outros. Este registro hoje, ele tem uma importância. Não fazíamos ideia, estávamos vivendo na prática, fazendo tudo aquilo. Patrícia Belém, que não está aqui; lembro a chegada de Rodrigo Ghiringhelli, que passou a fazer parte da sala 210; tivemos a presença de Sérgio Adorno e tinha uma Copa do Mundo acontecendo no meio do Congresso. Esta capacidade que ele tem de reunir pessoas. Esta forma de registro em texto e imagem, agradeço ao Alex, que estava pensando na rádio. Então, este registro é importante. Como dizia o professor Machado da Silva, “eu não quero nenhuma homenagem pra depois”. A forma como ele encarava tudo com certo ceticismo bem-humorado, niílista, profundamente inteligente, era uma convivência saborosa. Então,

te agradeço por ter reunido na sala 210, de forma caótica, as pessoas mais malucas que “provavelmente não dariam em nada”, mas que estão aí hoje tocando a sociologia da violência frente a este país tão complexo que é o Brasil: linhagens³⁶.

José Vicente Tavares dos Santos: Só queria dizer que a luta continua. Temos dois compromissos grandes: a SBS, em São Paulo, em julho, e a Alas, no Rio, em 2026. Seremos todos recepcionados pelos cariocas, pelas cariocas adotivas e vamos fazer a sociologia desde a Lapa até as praias. Muito obrigado pela oportunidade!

José Vicente Tavares dos Santos

Doutor em Sociologia, professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da UFRGS, ex-presidente da Alas e da SBS.

Luciane Soares da Silva

Doutora em Sociologia, professora associada da Uenf.

Rosimeri Aquino da Silva

Doutora em Educação, professora associada da UFRGS.

Alex Niche Teixeira

Doutor em Sociologia, professor associado da UFRGS.

³⁶ FACHINETTO, R. F.; MADEIRA, L. M.; AQUINO, J.; GELISKI, L. (2020). As linhagens de descendência acadêmica dos pesquisadores pioneiros nos estudos sobre violência, crime e justiça criminal no Brasil (1970-2018). In: *BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 91, n. 1/2020, p. 1-39.